

»

# Freud, infância e o judaísmo: Ressonâncias entre o Talmud e a verdade



## “Filho que me é caro, Schlomo”

↑  
**Les archives du cœur, 2010**  
Christian Boltanski  
Interior view, Teshima Island, Japan  
Courtesy: Christian Boltanski Studio;  
Marian Goodman Gallery and  
Fukutake Foundation  
©Christian Boltanski, Licensed by  
ADAGP  
Photo credit: Kuge Yasuhide

Jacob Freud, pai de Sigmund, viveu em um período de mudanças. Seu pai, Rabi Schlomo avô de Sigmund, deu a Jacob estudos acadêmicos dentro de uma escola talmúdica; não à toa ele ter sido capaz, por exemplo, de estudar o Talmud em *aramaico* (Whitebook, 2010). Sigmund – que já não lia em aramaico – recebeu o nome Schlomo em homenagem ao avô, judeu ortodoxo e grande praticante dos cultos.

O Talmud é o mais reconhecido livro dos judeus, depois da Bíblia, e comporta escritos de diferentes épocas sobre inúmeros temas, por numerosos intérpretes da Bíblia e da Lei Oral. Possui uma enciclopédia de legislações, do folclore, das lendas e das disputas teológicas por mais de nove séculos. Para um judeu orientado talmudicamente, ele não é apenas o registro do passado, mas um regime para o presente e para o futuro.

\* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Muitas vezes, os textos não são mais do que esboços vagos, inacabados e os detalhes precisam ser traçados novamente à medida que surgem novos problemas em cada geração. Assim, nunca deixa de crescer em tamanho e escopo, já que cada geração encontra problemas não mencionados (nem mesmo imaginados) e que, portanto, precisariam ser esclarecidos e discutidos novamente com os rabinos.

Como nos conta Roudinesco (2016), a realocação da família Freud do *shtetl*<sup>1</sup> em Tysmenitz para a cidade de Freiberg foi um primeiro exemplo das repercussões da época em que viviam. Ainda que diretamente ligado aos movimentos ortodoxos do judaísmo, Jacob passou também a ser influenciado pelos movimentos do *hassidismo*<sup>2</sup> e da *haskala*<sup>3</sup>. Renato Mezan (1987) relata:

A geração que vem dos *shtetls* para as cidades grandes ainda permanece muito próxima dos padrões tradicionais judaicos; a geração seguinte, educada nas escolas públicas e cuja língua materna passa a ser o alemão (e não mais o ídiche), tem outras aspirações e passa por outros conflitos. (p. 10)

Na nova cidade, Jacob afrouxou ainda mais suas ligações com as tradições ortodoxas do *shtetl* culminando simbolicamente na compra de um exemplar da Bíblia de Ludwig Philippson. Para uso dos judeus reformistas, essa obra respeitava a Escritura Sagrada, no entanto, trazia iconografias egípcias, além de ter notas de rodapé e partes traduzidas para o alemão, inovações significativas para a época. Havia ainda comparações mitológicas, medicinais e botânicas para tornar a leitura do Velho Testamento mais interessante. Essa será a Bíblia transmitida a Sigmund em seu aniversário de 35 anos de idade, reencadernada em couro. Nela, Freud encontrará duas datas gravadas: a da morte de seu avô e sua data de circuncisão, além de uma carta de seu pai dedicada a ele. Peter Gay (1988/2012) relata ter Freud dito que seu pai lhe permitiu crescer na completa ignorância em relação ao judaísmo, ainda que Jacob falasse a língua sagrada tão bem – ou melhor – que o alemão, e seguisse grande parte dos ritos judaicos, como Sigmund pode acompanhar ao longo de sua vida. É interessante ressaltar que, caso Jacob fosse adepto do judaísmo tradicionalista e ortodoxo, jamais leria a Torá ao pequeno Sigmund antes deste fazer seu *Bar Mitzvá* aos treze anos de idade, por exemplo; fato este que sua biografia comprova e contribui para corroborar a visão mais reformista e inovadora de Jacob.

Roudinesco (2016) cita que o pai de Sigmund veria no filho novas possibilidades, principalmente a de não envolvê-lo nos negócios da família, seja pela própria insatisfação de Jacob com o mundo mercantil, seja pela intuição de que seu filho seria apto a se dedicar ao *saber*. Para ele, Sigmund deveria ser um observador comprometido com a transmissão de suas tradições e ao mesmo tempo aproveitar-se da modernidade da

1. *Shtetl* é uma palavra em ídiche. Refere-se a pequenas cidades com grandes populações judaicas, existentes, antes do Holocausto, principalmente na Europa Central e do Leste. Foram mais proeminentes ao longo do século XIX, por todo o Império Russo, Polônia, Galícia e Romênia.  
2. *Hassidismo* é um movimento surgido no interior do judaísmo ortodoxo que promove a espiritualidade através da popularização e internalização do misticismo judaico, como um aspecto fundamental da fé judaica. Atribuído inicialmente a *Baal Shem Tov* (*rabino*) ao longo do século XVIII, formou-se em reação ao judaísmo legalista ou talmúdico, mais intelectualizado.  
3. *Haskalá* também é conhecida como o iluminismo judaico. Foi um movimento intelectual entre os judeus da Europa Central e Oriental principalmente entre 1770 e 1880. Propôs-se a pensar o judaísmo de forma cultural, dando início a um movimento de renovação literária e de linguagem. Promoviam o racionalismo, liberalismo, liberdade de pensamento e o questionamento.

época, sua cultura, prosperidade cosmopolita, liberdade política e ciência em expansão.

Imerso entre um judaísmo mutante e os negócios da família, recebendo investimentos do saber pela leitura da Torá, Sigmund procurará uma mudança cultural sem jamais calar a identidade judaica dos ancestrais:

Traçando assim seu destino, Freud associava-se à história dos filhos da burguesia mercantil judaica no Império Austro-Húngaro, obrigados a se desjudaizarem para poderem ser intelectuais ou cientistas. Para existirem como judeus, foram obrigados a adotar as culturas grega, latina e alemã. (Roudinesco, 2016, p. 28)

O que era uma tensão interna para o pai de Sigmund, junto a sua exposição à visão mais revisionista das tradições judaicas, transformou-se no filho em um conflito aberto e pulsante (Whitebook, 2010). Em carta ao *B'nai B'rith* em 1926, como agradecimento às felicitações de seu septuagésimo aniversário, Freud (1926/1996) escreve:

A isto não demorou a se acrescentar a compreensão de que somente à minha natureza judaica devo as duas qualidades que chegaram a ser indispensáveis no difícil caminho da minha existência. Precisamente por ser judeu, encontrava-me livre de muitos preconceitos que dificultam a outros o exercício de seu intelecto; precisamente por ser judeu, estava preparado para colocar-me na oposição e para renunciar à concordância com a "maioria compacta". (pp. 271-272)

Vale ainda ressaltar que não só Freud, mas diversos judeus proeminentes da época, viviam conflitos entre suas origens judaicas tradicionalistas e os ideais da *Kultur* germânica. Alguns se converteram ao cristianismo (por exemplo, Gustav Mahler) como forma resolutiva. Sigmund, por outro lado, foi capaz de criar em si, talvez tanto quanto Kant e Marx, a arte de criticar idolatrias, fanatismos e tolerar suas ambivalências, além de lidar com elas intelectualmente. A *Kultur* germânica foi muito proeminente na Áustria entre o final do século XIX e início do século XX. Pode ser entendida hoje a partir de três grandes definições: processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; características particulares no modo de viver de uma pessoa ou grupo e; criação rica de trabalhos e práticas artísticas e intelectuais de uma determinada época (musicais, literárias, teatrais, filosóficas etc.) (Eizirik, 1999).

Ao longo do seu crescimento, Sigmund sonhará com glória e conquista, cogitará entrar para a carreira política antes de decidir que seria filósofo, depois jurista e, por fim, naturalista. Sempre sonhando com novas identidades, preocupado em superar o pai alcançando uma cultura erudita, iniciou-se nos debates filosóficos da época, através do convívio com Franz Brentano. Desde muito cedo se viu imbuído em dar sentido e em ouvir o que o discurso puramente da razão procurava esconder. Ou seja, o lado escuro da humanidade, o que há de diabólico, o recalçado, o interdito e o irracional. Essa inquietude será sua companheira por muito tempo e se tornará um sofrimento produtivo, pois quando o bem-estar o invadia não era capaz nem de criar e nem de pensar. Foi capaz de transmitir um judaísmo sem Deus e ao mesmo tempo sua independência, quando, por exemplo, fornece suas interpretações em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939 [1934-1938]/2018). Não era contraditório para

ele possuir uma identidade judaica ainda que ateu. Além do mais, mesmo opondo-se às tradições religiosas ao longo de sua vida, reconheceu a influência da religião a nível cultural e individual. (Johansson e Punzi, 2019). No livro *Becoming Freud: The making of a psychoanalyst*, Adam Phillips (2016) descreve a psicanálise como uma disciplina que luta com questões de exclusão e inclusão, de exílio e pertencimento e, portanto, coloca-a como fundamental para a nossa cultura atual. Aspectos esses vividos e sentidos por Sigmund.

## Dois ladrões descem por uma chaminé...

Um jovem estudioso cheio de titulações bate à porta de um velho rabino leitor do Talmud:

- Rabino, gostaria de estudar o Talmud.
- Tu sabes ler aramaico?
- Não.
- Hebraico?
- Não.
- Tu já estudaste algo sobre a Torá?
- Não, rabino. Mas eu me graduei em Harvard *summa cum laude* em filosofia e já recebi o título de PhD. Eu gostaria de tentar completar minha educação com um pouco do Talmud.
- Eu duvido que tu estejas pronto para o Talmud. É o maior e mais completo dos livros. Se assim desejares, no entanto, posso examinar seus conhecimentos de lógica e, se passares, eu mesmo te ensino sobre o Talmud.
- Muito bem. Eu sou muito bem versado em lógica.
- Primeira pergunta: dois ladrões descem por uma chaminé. Um sai da chaminé com o rosto limpo, o outro com o rosto sujo. Qual lava o rosto?
- O ladrão do rosto sujo, claro.
- Errado. O que tem o rosto limpo se lava – diz o rabino com certeza.
- Examine minha lógica: o ladrão com o rosto sujo olha para o ladrão com o rosto limpo e pensa que seu rosto está limpo. O que tem o rosto limpo olha para o ladrão com o rosto sujo e pensa que seu rosto está sujo. Então, o que tem o rosto limpo se lava.
- Muito inteligente. Outra pergunta, por favor.
- Dois ladrões descem por uma chaminé. Um sai da chaminé com o rosto limpo, o outro com o rosto sujo. Qual lava o rosto?
- Nós já estabelecemos que é o ladrão com o rosto limpo quem lava o rosto.
- Errado. Os dois lavam o rosto – diz o rabino com certeza – O que tem o rosto sujo pensa que seu rosto está limpo. O que tem o rosto limpo pensa que seu rosto está sujo. Quando o que tem o rosto limpo lava o rosto, o outro compreende que é o seu rosto que deve estar sujo. Então, ele também lava o rosto.
- Eu não havia pensado nisso...
- Dois ladrões descem por uma chaminé. Um sai da chaminé com o rosto limpo, o outro com o rosto sujo. Qual lava o rosto?
- Bem. Nós sabemos que os dois lavam o rosto.
- Errado. Nenhum lava o rosto. Examine minha lógica: o que tem o rosto limpo pensa que o seu rosto está sujo. O que tem o rosto sujo pensa que seu rosto está limpo. Mas quando o ladrão de rosto limpo vê que o ladrão de rosto sujo não lava o próprio rosto, ele também não se importa em lavar o seu. Como vê, não estás pronto para o Talmud.
- Rabino, por favor, me faça mais um teste.
- Dois ladrões descem por uma chaminé...
- Nenhum, nenhum lava o rosto!
- Errado – disse o rabino sem esperanças – Diga, como podem duas pessoas descer a mesma chaminé e uma sair limpa e a outra suja?

– Rabino, o senhor me deu respostas contraditórias para a mesma pergunta. Isso é impossível!  
– ....

## A verdade talmúdica

Os estudos talmúdicos ocorrem há aproximadamente 1500 anos com as mais diversas tipologias e recebem os mais variados nomes: *pilpul*, *midrash*, *machaloketh*. Minha ideia não é revisarmos cada um deles, mas sim observamos correlações existentes entre a psicanálise, parte de seu método e as formas interpretativas propostas pelos rabinos intérpretes do Talmud. O *pilpul* talvez seja o mais difícil de explicar, pois de início não possui tradução precisa; ainda assim, refere-se a um método de estudo do Talmud através de uma intensa análise textual com a intenção de obter explicações contextuais diferentes. No livro *Do éden ao divã: Humor judaico* (Scliar, Finzi e Toker, 1990) há uma possível, mas não tão feliz explicação do *pilpul*, feita por Abraham Limchtemboim:

A peculiaridade do humor judaico está intimamente relacionada com o método de estudo analítico-dedutivo, *pilpul*. É difícil explicar, mas com um exemplo podemos entender. O *pilpul* se define como a arte de “introduzir um elefante no buraco de uma agulha”, quer dizer, chegar a demonstrar coisas inverossímeis. (p. 20)

Temos que ter bastante cuidado com essa leitura dada por ele, pois não queremos nos aproximar da ideia de pensarmos a psicanálise, a técnica interpretativa, ou mesmo o discurso psicanalítico, como o aceite por parte do paciente de toda e qualquer suposta verdade que pudesse vir do analista. Freud jamais trabalhou com um conceito sequer parecido com esse e se dispôs ao estudo e compreensão das resistências e das negativas no discurso do paciente. No entanto, podemos pensar no afastamento do pensamento unicamente lógico e linear dos processos secundários e que para isso, talvez, a sensação seja de precisarmos passar o tal elefante pelo buraco da agulha ao lidarmos com o processo primário. Por exemplo, sobre esse assunto, cito um trecho de Renato Mezan (1987), mais claro e mais feliz:

a analogia e a inferência, processos característicos da sutil dialética talmúdica, guardam certa semelhança com uma condensação e ou deslocamento que segundo Freud constituem os mecanismos básicos da construção do inconsciente. Recordemos que Freud sustenta que o humor, à semelhança dos sonhos e das neuroses, tem origem nesses mecanismos, considerando-o defesa do psiquismo contra tudo que lhe causa temor. (p. 9)

Para não deixarmos em branco, o termo *machaloketh* se refere aos produtos das limitações e imperfeições impostas pela mente humana para as interpretações das Leis da Torá. Ou seja, numa conversa argumentativa desse tipo, os discursos sobre as proposições chegarão às mais diversas contradições e até às conclusões contrárias possíveis. Já o *midrash* talvez possa ser a forma mais clara de tentarmos entender, no limite das palavras, a forma argumentativa de tal dialética. No *midrash*, não só o discurso argumentativo é levado em consideração, mas tam-

bém o valor numérico de cada letra do alfabeto, a raiz das palavras; tudo como forma de poder desvendar compreensões do texto, para além da leitura. Estamos de frente a muitos textos de Freud! Lembremo-nos do que faz com o termo *Unheimlich*!

Devemos ainda levar em consideração a importância do *bildung*, termo em alemão para uma tradição de auto-cultivo, criação, imagem e forma, na qual a filosofia e a educação estão conectadas e o processo é decorrente da maturação pessoal e cultural do indivíduo. Portanto, dentro da tradição judaica, o conhecimento e o *insight* são geralmente atribuídos ao exame exclusivo de uma determinada proposição, por exemplo, desconstruindo-a, observando caminhos alternativos a ela, criativos, e talvez infinitos.

Mesmo assim, incluir algumas outras discussões é importante para que possamos, devagar e sutilmente, aproximarmos-nos da psicanálise. Para Mezan (1987), não podemos ceder à ilusão de que bastaria ser um judeu crítico em relação ao considerado *conscientemente evidente* para inventar a psicanálise e as definições do inconsciente, ou pior ainda, de que isso seria pré-requisito para praticá-la. A psicanálise não é judaica. Não é por Freud ser judeu que ela existe. A genialidade do processo está, além disso, pois Sigmund Freud questiona o óbvio ao limite e constrói verdadeiras contra-teorias, à luz das quais o pretensamente óbvio surge como a consequência de nossas ilusões, de nossa ignorância ou de nossos preconceitos. Para Mezan, interessa saber como funcionam estas interpretações talmúdicas ou psicanalíticas, baseadas nos axiomas da inesgotabilidade do texto, do discurso infinito do paciente e da mente infinita do analista, e da inerência do comentário ao comentado. Ele cita que as interpretações talmúdicas, por exemplo, levam em conta o processo primário assim como a literatura de ficção, e que esse processo fundamenta a criatividade e a imaginação, bem como a psicanálise. Porém, Mezan critica essa visão reducionista na formação da psicanálise, pois descartaria o fato dela considerar aspectos próprios como o conflito e sofrimento psíquicos, a transferência, a contratransferência e a própria intersubjetividade, para citar alguns. Obviamente nenhum desses conceitos faz parte do Talmud. Muito claramente ele expõe:

A interpretação em psicanálise, não se limita à descoberta de sentidos ocultos, nem mesmo à criação de novos sentidos; a analogia entre o discurso do paciente e o texto bíblico é muito curta, ainda que concebamos o texto como inesgotável e o discurso como infinito, em virtude da sobre-determinação de todas as suas partes. E isto por um motivo muito simples; para ser analítica, a interpretação precisa visar não somente o sentido latente da fala do paciente, mas ainda visar uma transformação do espaço psíquico no qual emerge esta fala. (Mezan, 1987, p. 80)

Ainda assim, desde as compreensões simples e literais, até a exploração minuciosa de cada palavra em cada contexto, tendo ou não alguma razão, a interpretação psicanalítica deverá passar, em algum momento, por algum ponto ou elo que possa atribuir e fazer algum sentido para o paciente:

com bastante frequência a interpretação psicanalítica tem como método a aproximação de pontos distantes da fala do paciente, utilizando uns para esclarecer outros; ou traduz que à aparente incoerência

do discurso associativo subjaz uma certa ordem, a ordem do inconsciente. Todo discurso, por mais absurdo que pareça, tem um sentido, ou mesmo vários; e a aparência de absurdo se deve à supressão de partes importantes, em consequência dos conflitos inconscientes. (p. 63)

O que nos retrata aqui é novamente a possibilidade de associar livremente e de tentarmos estar o mais próximo da atenção flutuante para nos livrarmos (também o máximo possível) das censuras morais e ordens categóricas impostas, a fim de nos aproximarmos das aparentes ilogicidades do processo primário.

A sucessão de perguntas que o rabino coloca e responde em relação aos ladrões que descem por chaminés, vista sob a ótica da contradição com o pensamento explícito e linear do aluno respeita um princípio lógico da terceira possibilidade excluída. Ela afirma que para qualquer proposição, ou esta proposição é verdadeira ou sua negação é verdade. Sua origem remonta a Aristóteles com o princípio da não-contradição. Mas, afinal de contas, quais das proposições do rabino são verdadeiras?

Freud se deparava com o problema da verdade no mínimo em duas frentes: na teoria precisava ser epistemologicamente verdadeira e estar inserida na verdade científica da época, mas na prática o que se impunha era a primazia crescente da verdade psíquica. Já o método psicanalítico trazia (e traz) em si implícito uma postura ética, em que a verdade do paciente é o que importa para além de nossas opiniões e de nossas verdades, segundo Viviane Mondrzak (2019). Para essa mesma autora:

Procuramos ajudá-los [os pacientes] a aumentar/desenvolver a capacidade reflexiva para perceber o risco e o equívoco presentes sempre que alguma posição se apresenta rígida, cega, intransigente, sempre que há lados claramente identificados como o do mal e do bem, que produzem em outra dimensão (esta sim perigosa) o modo infantil de organização do pensamento em categorias fada/bruxa. E aceitar ouvir o outro, os vários outros internos e externos. (p. 103)

Para Henry Atlan (1994), o erro recorrente em relação à verdade consiste em ver nela uma realidade metafísica, ou pelo menos um ser epistemológico, e em colocar a seguinte questão: “O que é a verdade?” Segundo Atlan, podemos somente concluir o que ela não é: a mentira, o erro, a ilusão e o logro. Portanto, no caso dos ladrões, há um juízo paradoxal do que é ou não verdadeiro. Essas discussões podem ser entendidas em oposição uma à outra, mas não entre duas representações realistas das coisas e sim entre duas ou mais representações simbólicas das coisas.

Na justaposição de discursos e proposições podemos expandir nosso psiquismo e ressaltar as possíveis e infinitas definições teóricas sobre o que é a verdade. Ou seja, o que talvez nos ensine o Talmud é que sua leitura e a influência exercida sobre Freud possibilitou que ele focasse em fazer os sentidos se multiplicarem, e em algum grau, estivessem sempre fadados a uma incompletude. Freud é brilhante enquanto discorre sua teoria, sempre com novos exemplos, novas analogias e pensando na possibilidade de que aquilo que esteja achando que é, na verdade, não é, ou é diferente do *a priori* imaginado. É bastante comum na leitura dos seus textos estarmos felizes, passeando pelo jardim dos entendimentos quando nos propõe irmos por outro lado, ainda que estivéssemos bem por ali; depois, diz que nada disso adiantará para uma compreensão se

não fizermos mais alguma outra coisa ou acrescentarmos mais outro conceito não pensado; incluído esse novo conceito, de nada mais adiantariam os primeiros caminhos tomados e daí por diante. Talmudicamente preciso, literariamente genial e provocante. Portanto, não somente o conteúdo do que estuda é fundamental, mas também a forma como o constrói é de suma importância para o aprendizado do processo psicanalítico. Isso poderia equivaler ao mostrar para o paciente – junto a ele – como está sendo feito o pensamento sobre algo e como ele está sendo considerado/construído, mais do que somente a procura de se aquilo é ou não verdade, se faz ou não sentido e se aliviará, ou não, conflitos psíquicos. Também se assemelha a quando conseguimos incluir novas representações e simbolizamos, junto ao paciente, novos caminhos.

A fim de exemplificar de forma talmúdica, o quanto essa construção com o paciente pode ser mais importante que a verdade ou não do conteúdo – como no conto dos ladrões –, uso a interpretação da palavra verdade em hebraico: *emet* – אמת. Como demonstro na figura abaixo, a palavra *emet* é composta pela primeira e pela última letra do alfabeto, conectadas pela letra central (décima quarta):

28	27	26	25	24	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
ש	ט	ח	ז	ז	ו	ו	ה	ה	ד	ד	ג	ג	ב	ב	א	א	א	א	א	א	א	א	א	א	א	א	א

Uma das formas de entender essa palavra é considerar que, para o judaísmo, a verdade está contemplada em toda a linguagem, representada na união de todas as letras e no discurso do início ao fim daquilo que o paciente diz. Portanto, a palavra *emet* abraçaria todas as letras do alfabeto. Além disso, a união pela letra central atribui estabilidade para aquilo que é verdade/dito, sem pender demasiadamente para nenhum dos lados. Esta noção judaica da verdade é um traço que a distingue da mentalidade aristotélica e positivista, para a qual a verdade existe para ser pesquisada e descoberta.

### Considerações finais

Tentei nesse texto localizar um pouco das influências do judaísmo, do Talmud e da cultura judaica nos escritos e em algumas das formas de pensamento de Freud. Estaria sendo contraditório se dissesse que isso levou àquilo. Tomo tais características como pequenos fatores influenciadores da psicanálise, sem menosprezar infinitas outras para o seu surgimento. Novamente: a psicanálise não é judaica, ela não existe por Freud ser judeu nem por ter ele nascido na *Kultur* germânica. No entanto, seria correto dizer que sofreu influências da cultura judaica transmitida a ele por seu pai.

Quando estamos lendo Freud, somos inundados pela teoria e pela técnica psicanalíticas e também invadidos sutilmente pelas harmoniosas e saborosas contradições entre a lógica e não lógica, entre o judaísmo e o ateísmo dentre tantos outros paradoxos. Parte do aprendizado da técnica psicanalítica está implícito na forma pela qual Freud escreve e nos conduz a não acreditar sem antes questionar, pensar, repensar e duvidar, alicerçados pela autocrítica. Que falta nos faz nos tempos atuais! Treinar esse

tipo de escuta com nossos pacientes se torna primordial frente a outro tipo, onipotente e narcisicamente satisfatório à dupla analítica – perigosíssimo! Não que tenhamos que andar como gatos espiados e arredios, pois ainda podemos repousar nossa mente na certeza científica (a água ferve a cem graus Celsius e não há muito o que fazer sobre isso). Mas, por nossas mentes penderem para o lado do certo e do tranquilizador, somos obrigados a contrabalançar para o outro, caso queiramos evoluir.

## Resumo

No recente livro *Sigmund Freud: Na sua época e em nosso tempo*, publicado por Elisabeth Roudinesco (2016), há uma extensa revisão a respeito do início da vida de Sigmund Freud e suas influências mais diretas. Para ela, a existência de um “Freud acompanhado” irá adubar a criatividade e a genialidade em seus escritos: Freud e o judaísmo, Freud e a religião, Freud e as mulheres, Freud clínico, Freud em família, Freud e os neurônios, etc. O presente trabalho, primeiramente, propõe discorrer um pouco sobre as consequências da cultura judaica inseridas na infância de Sigmund Freud, principalmente pelas tradições oriundas e transmitidas por seu pai, pela leitura da Torá e do Talmud. Em segundo lugar, questionar o aparecimento dessas influências na forma em que constrói seus textos, escreve e analisa situações, utilizando-se de discursos contraditórios e do diálogo direto com o leitor. Por fim, questionar o conceito de Verdade *talmúdica* e aproximá-la da capacidade de Freud em des-constituir e construir verdades constantemente.

**Palavras-chave:** *Freud, Sigmund; Judaísmo; Verdade; Psicanálise. Candidata a palavra-chave: Talmud.*

## Abstract

In the recent book *Sigmund Freud: In his time and in our time* published by Elisabeth Roudinesco (2016), there is an extensive review of Sigmund Freud’s early life and his more direct influences. For her, the existence of an “accompanied Freud” will fertilize creativity and genius in his writings: Freud and Judaism, Freud and religion, Freud and women, clinical Freud, Freud in family, Freud and neurons, etc. The present work, firstly proposes to talk about the consequences of the Jewish culture inserted in Sigmund Freud’s childhood, mainly for the traditions originated and transmitted by his father, for the reading of the Torah and Talmud. Secondly, to question the appearance of these influences in the way he constructs his writings, analyzes situations, using contradictory speeches and direct dialogue with the reader. Finally, to question the concept of Talmudic Truth and bring it closer to Freud’s ability to de-construct and construct truths constantly.

**Keywords:** *Freud, Sigmund; Judaism; Truth; Psychoanalysis. Candidate to keyword: Talmud.*

## REFERÊNCIAS

- Atlan, H. (1994). *Com razão ou sem ela: Intercrítica da ciência e do mito*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Eizirik, C. L. (1997). Psychoanalysis and culture: Some contemporary challenges. *International Journal of Psychoanalysis*, 78(4), 789–800.
- Freud, S. (1996). Discurso perante a Sociedade dos B'nai B'rith. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo: Três ensaios. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 19). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938]).
- Gay, P. (2012). *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. Brasil: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1988).
- Johansson, P. M. e Punzi, E. (2019). Jewishness and psychoanalysis: The relationship to identity, trauma and exile. An interview study. *Jewish Culture and History*, 20(2), 140–152. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1462169X.2019.1574429>
- Knoepfmacher, H. (1979). Sigmund Freud and the B'Nai B'Rith. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 27(2), 441–449. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/000306517902700209>
- Mezan, R. (1987). *Psicanálise judaísmo: Ressonâncias*. Campinas: Escuta.
- Mondrzak, V. Sprinz (2019). Verdade/mentira: Nós e as trutas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(1), 93–106.
- Montebéller, J., Warchavski, T., Guinsburg, J. e Berezin, R. (org.) (1967). *Histórias do povo da Bíblia: Relatos do Talmud e do Midrasch*. São Paulo: Perspectiva.
- Phillips, A. (2016). *Becoming Freud: The making of a psychoanalyst*. New Haven: Yale University Press. (Trabalho original publicado em 2014).
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud: Na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Scliar, M., Finzi, P. e Toker, E. (org.) (1990). *Do éden ao divã: Humor judaico*. São Paulo: Shalom.
- Whitebook, J. (2010). Jacob’s ambivalent legacy. *American Imago*, 67(2), 139–155. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/aim.2010.0005>